



GT – 8 : Geografia e apropriação urbana: ensino de cidade e das comunidades tradicionais

“AQUELES MORROS”: LEITURAS DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE FAVELAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

1

Autor: Millena Gomes Oliveira

Filiação institucional: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

E-mail: millenagmsss02@gmail.com

RESUMO: Este trabalho visa fazer uma análise sobre a formação das favelas na cidade do Rio de Janeiro fazendo a utilização da composição de samba “ Aqueles Morros” do grande músico Bezerra da Silva. A escolha do samba vem da potencialidade que a música possui de expressar o cotidiano relatando a trajetória de uma população subalternizada. A proposta de utilização do samba para pesquisa vem da tentativa de trazer mais dinâmica ao estudo do tema para que dessa forma seja possível olhar para a geograficidade que se expressa nas criações culturais.

Palavras-chave: Favelas, Rio de janeiro, Samba.

¹ Orientadora: Ana Claudia Ramos Sacramento^{a*}

1. INTRODUÇÃO

Aprender Geografia possibilita o conhecimento sobre as diferentes dinâmicas do espaço geográfico, com suas diversas características, formas, conteúdos e distribuições nos lugares onde eles vivem ou passam, ou seja, esse conhecimento modifica a forma de ler e interpretar o mundo a partir do momento que são pensados os diferentes contextos espaciais.

Esses elementos diversos não estão à toa no espaço geográficos. Eles têm uma razão de ser e de estarem espacializados, seja na forma de uma área industrial, uma área de lazer, um conjunto habitacional, ou no caso desse texto, uma favela, dentre outros.

A questão é a necessidade do ensino de Geografia por meio de formas de pensar de acordo com Cavalcanti (2019), construir meios para que os estudantes possam compreender os conceitos e conteúdos geográficos para interpretar e analisar os fenômenos geográficos.

Neste trabalho, os fenômenos geográficos pensados são as favelas e o seu processo de formação desde o início até os dias atuais. Sendo assim serão expostas as Reformas urbanas implementados no Rio de Janeiro como por exemplo a Pereira Passos, a abolição da escravidão. Também será trabalhado como esses espaços estão relacionados nos dias atuais dentro de uma lógica capitalista de formação da cidade.

Construir proposta de reflexão a respeito de letras de música é um processo que do ponto de vista mental colabora para uma aprendizagem significativa para os estudantes uma vez que tanto a letra quanto a sonoridade desenvolvem possibilidades de ação de suas capacidades cognitivas, bem como a compreensão da letra escrita. Desta maneira, o ensino de Geografia tem se preocupado há muito tempo em trabalhar com essa linguagem conforme Silva (2015).

Desta maneira, a utilização do samba vem da busca por formas de relacionar os conteúdos acadêmicos de maneira mais interativa com o cultural. Além das letras de muitos sambas expressarem exatamente as vivências dessa parcela da população, sendo assim seu

cotidiano expresso nessas músicas que relatam a trajetória de uma população subalternizada pelo poder dos grupos dominantes. Os sambas de Bezerra da Silva colaboram para pensar o fenômeno geográfico favela uma vez que em suas letras retratam como ocorre a dinâmica urbana cotidiana dentro dela.

Este trabalho objetiva fazer uma análise do processo de formação de favelas no Rio de Janeiro destacando as injustiças e disparidades sociais que permeiam esse processo e como esse movimento se desenvolve até os dias atuais por meio da letra da “Aqueles Morros” do cantor e compositor Bezerra da Silva .

A metodologia qualitativa permite desenvolver leituras e interpretações críticas e analíticas de diferentes fenômenos, buscando trazer as discussões sobre diferentes realidades para o cotidiano escolar (LUDKE; ANDRÉ, 2013). Os fenômenos são diversos de acordo com a investigação a ser realizada. Para este trabalho, o foco é pensar a linguagem musical como uma das possibilidades de ensinar Geografia, a partir do samba “Aquele Morro” de Bezerra da Silva. Como já afirmado, a linguagem é muito usada em sala de aula para construir propostas didáticas que mobilizem os estudantes a aprender os conteúdos a partir de outras dinâmicas. Este trabalho é parte da sequência de outros desenvolvidos pela autora, cujo propósito é trabalhar com a Lei 10. 639/03 (BRASIL, 2003), para organizar propostas e materiais didáticos sobre o tema.

Assim, do ponto de vista metodológico, a música será trabalhada por meio de análise crítica, envolvendo as dimensões sociais, econômicas, culturais e políticas nas quais o compositor e cantor Bezerra da Silva escreveu na sua música. Desta maneira, optou-se por trazer os trechos da letra e buscou interpretar à luz dos autores Campos (2005) e Santos (1993) os quais retratam a situação do Rio de Janeiro e o processo de favelização como processo de produção social do espaço geográfico carioca.

Este trabalho é parte das pesquisas referentes à bolsa de extensão “Oficinas escolares de Geografia: diferentes ações didáticas” - Cetreina-UERJ e dos projetos de Pesquisa: Projetos Temáticos “Propostas e materiais didáticos para professores de Geografia no Estado do Rio de Janeiro” financiado pela Faperj (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

(2022-2026) e do Projeto Universal (2022-2025) financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

2. A URBANIZAÇÃO BRASILEIRA E O PROCESSO DE FAVELIZAÇÃO

Para falar sobre o processo de favelização da cidade do Rio de Janeiro primeiro é necessário apresentar a periodização da urbanização brasileira (SANTOS, 1993). É importante salientar que o processo de urbanização e de formação de cidades são unos, inseparáveis. No Brasil esse processo foi norteado por vários elementos durante o decorrer do tempo, por esse motivo se é importante tratar deste assunto reconhecendo as diversas fases que o compõem desde os primórdios da colonização até os tempos atuais. Para esta apresentação será utilizada a obra de Milton Santos “A Urbanização Brasileira” (1993). A análise começa no século XVI, a partir do momento em que a Coroa Portuguesa chega ao Brasil, o pretérito da urbanização brasileira. Esse momento é marcado pela vinda da coroa portuguesa e formação das capitanias hereditárias em 1534, povoados e a formação da cidade do Rio de Janeiro.

Os anos 1580 a 1640 são determinados pela continuação do processo da formação estruturada do espaço urbano dando ênfase ao aparecimento das vilas. As vilas tinham o propósito de instituir o domínio político-administrativo e econômico sobre as tarefas de extração e transporte de mercadorias.

Nesse momento é de grande importância pontuar que na cidade do Rio de Janeiro, a partir de 1808 ocorria o processo de formação das primeiras favelas. Como aponta a pesquisa do IPEA de 2010 de João Carlos Ramos Magalhães, técnico de planejamento e pesquisa do IPEA, a origem da formação das favelas no RJ se relaciona com o Brasil colonial. A pesquisa do IPEA aponta que em 1808, 30% da população carioca foi retirada de suas casas para dar a residência aos companheiros da família real.

Sendo assim, com intuito de continuar morando no centro da cidade, muitas famílias passaram a viver nos chamados cortiços, unidades de habitação coletiva como aponta o

professor Andreilino de Oliveira Campos em sua obra “Do quilombo à favela a produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro” (2005):

Conforme o exposto, a cidade do Rio de Janeiro vivia uma crise habitacional em que a população pobre, predominantemente negra, procurava os cortiços e as casas de cômodos para permanecer nas proximidades do pólo gerador de empregos a área central da cidade. (CAMPOS 2005, p. 55)

Na segunda metade do século XIX se iniciam os movimentos pró-abolição da escravidão no Brasil. Em 1880 já existiam vários quilombos abolicionistas nas periferias do Rio de Janeiro como a chácara do Sr. Le Bron, no atual Leblon, o Quilombo da Penha, atualmente Vila Cruzeiro no Complexo do Alemão" e o Quilombo da Serra dos Pretos Forros. Em 1888 houve o fim constitucional do regime escravo, porém com a falta de políticas de inserção dos ex-escravizados na dinâmica da cidade, como a inserção no mercado de trabalho ou de garantias de moradia, saúde e alimentação, foi se criando uma grande massa de pessoas desempregadas ou inseridas em subempregos que não lhes dava condições de uma vida digna, moradia segura e dessa forma essas pessoas construíram moradias em áreas ilegais e perigosas como as encostas os famosos morros.

O surgimento das favelas e comunidades não são decorrências de apenas um processo, como a abolição da escravidão. É importante pontuar que a formação desse tipo de moradia é consequência de diversos fatos isolados, como por exemplo, a guerra do Paraguai na qual o Império prometeu a libertação dos escravizados que fossem à luta. Relacionando este acontecimento à destruição dos cortiços, se pode afirmar que neste momento está o início do processo de formação das favelas. (CAMPOS, 2005 p, 57)

Após a breve introdução ao assunto, partiremos para os séculos XIX e XX. Esses momentos são de suma importância pela grande aceleração do movimento de urbanização devido aos grandes eventos históricos como a abolição da escravidão, as Revoluções Industriais, Guerras Mundiais, Globalização.

No século XX é possível perceber uma intensificação do processo de urbanização e é precisamente neste momento que surgem estudos referentes à Geografia no Brasil. A herança geográfica do território brasileiro vem da Escola Francesa de Geografia, como apontado por

Maurício de Almeida Abreu em sua obra “O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação (contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro)” com a vinda de mestres franceses para assumir as cátedras nas universidades brasileiras. Evidencia também a importância do geógrafo Delgado de Carvalho para a consolidação de uma geografia moderna no Brasil, criticando o ensino descritivo e enciclopédico.

Um ponto relevante para entender o processo urbanização da cidade do Rio de Janeiro são as Reformas Urbanas que foram implementadas, sobretudo nos anos de 1900, com uma proposta de um “embelezamento” seguido também com uma ideia de “higienismo”, com isso na reforma do Rio de Janeiro (Reforma Urbana Pereira Passos), foram imensamente exploradas e que acabaram tomando conta dessa estrutura da urbanização carioca inspirada em caráter burguês como um parâmetro de Paris como um horizonte de urbanização ideal para a sociedade.

A Reforma Urbana Pereira Passos foi uma tentativa de europeização e aburguesamento da cultura por meio de arquitetura, ideais e costumes. A Europa, especialmente as cidades de Paris e Londres, era tida como um modelo de civilização, progresso e modernidade a ser seguido. O progresso era sinal de desenvolvimento material; a civilização de comportamento pautado em um ideal burguês europeu; a modernidade no embelezamento e no saneamento relacionada a sair de um passado colonial e se adequar a um novo presente, certamente europeu. Dessa forma, as mudanças na capital tiveram um caráter urbanístico, sanitário e também comportamental, e a transformação da cidade se deu em um nível simbólico-espacial. Uma frase muito usual na época era “o Rio civiliza-se”, que demonstra todo esse imaginário. (SILVA 2019, p, 2)

Após a Reforma Pereira Passos, se pode listar como mais um dos principais marcos de destruição do ambiente favelado, encarado como um local visto feio, sujo e perigoso, a destruição do morro do Castelo. A ocupação nos morros era algo que ia em contradição com os interesses do Estado e das classes dominantes, pois esses iam contra a estética, o que complicava a entrada de capital na cidade. (CAMPOS 2005 p,71).

O Estado é um importante agente na disposição espacial de uma cidade. Sendo assim, é mister pontuar que, segundo o Roberto Lobato Corrêa (1989), o estado atua diretamente em vários âmbitos da sociedade, como: industrial, consumidor de espaço, proprietário fundiário, agente de regulação do solo.

Um ponto importante a destacar é que o Estado dispõe de políticas públicas para a solução de problemas, a grande questão é que o desempenho desse agente é espacialmente desigual. Neste ponto é importante destacar que o espaço retrata as predileções de classes dominantes, como foi exposto na decisão de reformas como Pereira Passos e o desmonte do Morro do Castelo. Dessa forma é fundamental evidenciar que o espaço não é neutro. Tendo em vista o cenário de dominação do estado pelas classes dominantes, a circunstância de mudança cabe ao interesse do Estado e das grandes corporações.

Nos anos 30 do século XX, observa-se uma nova perspectiva nos processos de urbanização e industrialização no Brasil, isto se deu pela grande intervenção estatal que ocorreu neste período. O Estado foi responsável por desenvolver padrões de organização das configurações sócio-espaciais do país. Com a intensificação das atividades industriais e o aumento da população urbana, a cidade recebe novo significado.. Nos anos 40 a industrialização se consolidou na atividade das cidades, neste período nos estudos geográficos surgem as monografias urbanas, que foram as encarregadas de determinar as noções metodológicas para execução de estudos a respeito dos centros urbanos.

Nos anos 50, após a Segunda Guerra Mundial, se instala um cenário de explosão demográfica com aglomeração de população nas cidades devido ao grande êxodo rural. Nesse momento, o presidente do Brasil era Juscelino Kubitschek, as configurações econômicas e territoriais são novamente alteradas. Esse momento é marcado pela abertura econômica e a vinda de indústrias transnacionais que estrategicamente se localizavam em regiões afastadas dos grandes centros de cidades fazendo com que a população urbana fosse ampliada ao longo do território

As décadas de 60 e 80 são marcadas pelo início da Ditadura Militar, esse momento promoveu uma grande integração territorial e muitas obras de infraestrutura, que proporcionou para as demais regiões do país uma urbanização mais intensa.

Perante o exposto cabe falar da estruturação do novo modelo capitalista que se instaura nesses momentos de grandes críticas e instabilidades. O capitalismo nesse período se baseia nas ideias neoliberais, que novamente reestruturam a lógica territorial. O aumento da periferia também se qualifica como um dos efeitos da reestruturação territorial.

Neste sentido, o crescimento acelerado de um cinturão de pobreza na periferia das grandes cidades estaria associado ao elevado preço que o solo urbano atinge nas áreas mais centrais (que se tornam assim inacessíveis às populações mais pobres); à ausência de uma política severa de controle do solo urbano (que faz com que as cidades cresçam em função dos interesses de maximização de lucro dos agentes privados, e não a partir do interesse coletivo); à natureza regressiva da aplicação, pelo Estado, dos recursos obtidos através do sistema tributário (que se direcionam preferencialmente às áreas mais centrais, reforçando assim o padrão centro-periferia já existente e, conseqüentemente, a marginalização social das camadas mais pobres), etc. (ABREU, 1996, p.54)

Ao seguir o caminho de pensamento sobre “A Urbanização Brasileira” é preciso apontar que existem agentes produtores de espaço, e um deles são os grupos sociais excluídos, subalternos, e esses produzem seu próprio espaço, independentes. A produção desse espaço é uma forma de resistência e sobrevivência, tendo em vista os obstáculos que esses grupos sociais são submetidos em razão da mudança do rural para o urbano e da gentrificação. Um exemplo disso é a formação das favelas, como apontado anteriormente.

Os grupos dominantes trazem uma noção de estigmatização do espaço que é habitado ou frequentado pelos grupos sociais excluídos. Mantendo um isolamento social que representa uma fonte expressiva de desvantagem social, com efeitos nas necessidades básicas da população afetada, em outras palavras, o favelado é considerado classe perigosa por representar o diferente. (CAMPOS 2005)

Dessa forma é mister apontar o tema abordado por Henri Lefebvre em “O direito à cidade” (1969) na qual a reflexão se vê obrigada a mudar suas formas funções e estruturas da cidade, tanto econômicas, políticas, sociais e culturais, e essas mudanças devem vir através das ciências analítica da cidade (p.105). O direito à cidade não deve ser percebido como um retorno às cidades tradicionais, que a muito foram negadas, como por exemplo, no início da Urbanização Burguesa que resultou em reformas urbanas que favoreceram processos que causaram segregações, sobretudo o afastamento do proletariado da cidade. O direito à cidade deve ser encarado como direito à vida urbana de forma renovada, como novas condições e novas bases que devem ser formados por meio de planejamento político e estratégias urbanísticas (p. 107). Sendo assim se pode analisar o processo de formação das favelas no Rio

de Janeiro desde as suas origens como uma negação do Estado de um direito de vida urbana, um direito à cidade às populações negras periféricas e pobres.

3. A expressão cultural “Aqueles morros” e o processo de formação das favelas.

A utilização do samba como ferramenta vem da proposta e da necessidade de valorização da participação do povo negro na formação do Brasil em vários aspectos, como social, econômico, política e culturalmente. O samba nas aulas de Geografia se encontra como uma maneira de efetuar a Lei 10. 639/03, que é a lei que torna obrigatório o ensino de história e cultura Afro-brasileira e africana.

A difusão da Lei 10.639 em 2003 foi uma importante ferramenta, pois teve como propósito a valorização do papel exercido por pessoas negras na formação do território do Brasil, ao tornar obrigatório o ensino sobre África na Educação Básica. Essa lei surge com o objetivo de pôr um fim na proliferação de concepções estereotipadas sobre a população afro-brasileira, para que dessa forma, o ensino de Geografia proporcione a compreensão sobre diferentes dinâmicas do espaço geográfico, fazendo com que esses sejam capazes de entender e analisar conteúdos.

Sendo assim, a utilização do samba visa utilizar a Geografia em conjunto com uma expressão cultural afrobrasileira com o intuito de possibilitar o desenvolvimento do pensamento espacial a respeito da formação das favelas no Rio de Janeiro e como um ato de resistência como aponta Rafaela Tavares Ferreira em seu texto “Geografia dá samba: o uso de composições de sambas como instrumentos de resistência no ambiente escolar”:

O samba se caracteriza por possuir apelo social desde o surgimento, sendo assim, a utilização das letras dessas músicas, histórias, melodias e personagens pode contribuir de maneira significativa para a construção de práticas escolares voltadas ao processo de ensino aprendizagem de Geografia que incluam grupos sociais subalternizados, como por exemplo populações periféricas, minorias étnico-raciais, entre outros, buscando desconstruir preconceitos. (FERREIRA, 2021, p 5)

O uso do samba abre possibilidade para tornar o entendimento do conteúdo mais dinâmico e tem o potencial de incitar o olhar para a geograficidade dos temas presentes expressos em produtos culturais. Cavalcanti (2019) afirma sobre a importância pensar

geograficamente sobre os fenômenos, objetos e sujeitos na organização do espaço geográfico, para que o estudante possa ler e interpretar as ações manifestadas pela lógica de produção do espaço. Neste caso, a lógica do processo da favelização carioca.

Dentro deste contexto da leitura e interpretação deste fenômeno queremos destacar aquele que mais deve ter escrito sobre a favela e a forma de viver dos povos que vivem neste território - José Bezerra da Silva, nascido na cidade do Recife em Pernambuco, foi um cantor, compositor, violonista e percussionista e interprete brasileiro dos gêneros musicais coco e samba. Durante muitos anos ele viveu como morador de rua no Bairro Copacabana da zona Sul do Rio de Janeiro. Nesse mesmo tempo tentou suicídio, porém foi acolhido em um terreiro de umbanda onde descobriu que seu destino era a música.

No início de sua carreira se dedicava totalmente ao coco até se tornar um dos principais cantores de samba nos anos seguintes. Por meio do samba, - o compositor cantou os problemas sociais das favelas e da população marginalizada. Por meio da série Partido Alto Nota 10 começou a ser notado pelo público. Bezerra da Silva passou a mostrar a sua realidade em músicas como: "Malandragem Dá um Tempo", "Sequestraram Minha Sogra", "Defunto Cagete", "Bicho Feroz", "Overdose de Cocada", "Malandro Não Vacila", "Meu Pirão Primeiro", "Lugar Macabro", "Piranha", "Pai Véio 171", "Candidato Caô Caô". Essas músicas têm letras fortes, do ponto de vista político, social e econômico, além de uma sonoridade única. Ele se tornou um cantor e compositor reconhecido nacional e internacionalmente, como um dos artistas com engajamento político e social mais importantes de sua época e que até hoje, muitos artistas regravam suas músicas.

Essas músicas possibilitaram o reconhecimento do cantor no qual suas músicas trazem profundas reflexões sobre o território e paisagem das favelas cariocas, bem como a vida social, econômica e cultural da população residente. Desta maneira, a importância de usar suas músicas nas aulas de Geografia contempla muitas vezes os diferentes conceitos e conteúdos trabalhados em sala de aula.

Após a introdução feita sobre o processo de urbanização do Rio de Janeiro e o destaque à favelização e os seus fatores de formação, é interessante trazer para discussão o samba "Aqueles Morros" de Bezerra da Silva uma vez que este retrata o processo central deste

trabalho. Durante seu samba, o grande compositor discorre a respeito da formação das favelas ao entorno do centro da cidade do Rio de Janeiro, esse trecho exemplifica o tema:

“Antes, aqueles morros não tinham nomes
Foi pra lá o elemento homem, fazendo barracos, batuque e festinhas
Nasceu Mangueira, Salgueiro, São Carlos e Cachoeirinha.”
(Bezerra da Silva).

Esse trecho da letra apresenta que anteriormente os morros que hoje em dia são habitados por milhares de famílias, não eram habitados e não tinham nomes, até que começaram a chegar os primeiros moradores construindo suas casas e reproduzindo manifestações culturais nesse local. O que o autor expressa como “fazendo barracos, batuques e festinhas”. O processo de favelização do Rio de Janeiro é anterior a abolição da escravidão, conforme destaca Campos (2005), porém é intensificado com a abolição, em que os escravizados libertos sem ter para onde ir, começaram a subir os morros no entorno da cidade e se instalarem de forma efetiva, dando origem as grandes comunidades hoje que conhecemos pelos nomes de Morro do São Carlos, Salgueiro e Mangueira.

“Ainda tem o Morro do Castro e o Buraco do Boi como tem boa gente, Atalaia,
Martins, Morro do Oriente, Holofote e Papagaio, todos do outro lado. Areia Grossa,
Cavalão, São Lourenço e o Morro do Estado”
(Bezerra da Silva).

No trecho acima, Bezerra da Silva também procura trazer referências de favelas do outro lado da Baía de Guanabara, trazendo comunidades de São Gonçalo e Niterói com o intuito de fazer uma maior abrangência espacial, para além da cidade do Rio.

Dando continuidade, o autor vai listando nomes de grandes favelas e comunidades do Rio de Janeiro, como Morro do Macaco, Serrinha, Favela da Rocinha, etc:

“Andaraí, Caixa D'água, Congonha, Alemão e Boreu
O Morro do Macaco em Vila Isabel, Matriz, Tuiuti e Cruzeiro, Querosene, Urubu

Jacarezinho, Turano, Sossego e o Morro Azul
É mas no mesmo embalo, nasceu Cantagalo, Pavão-Pavãozinho o Morro da Guarda
e Macedo Sobrinho, Tabajara, Santa Marta e Serrinha
Morro do Pinto, Sampaio, Dendê e a querida Rocinha”
(Bezerra da Silva)

A listagem de morros que Bezerra da Silva destaca em sua música é de grande importância devido a desigualdade de construção socioespacial do espaço urbano do brasileiro. Devido a essa desigualdade as pessoas se viam obrigadas a morar em áreas que seriam impróprias para habitação. Isto pois o Estado foi responsável por desenvolver padrões de organização das configurações sócio-espaciais do país privilegiando sempre o capital. A grande questão é que o desempenho desse agente é espacialmente desigual. Neste ponto é importante destacar que o espaço retrata os predileções de classes dominantes, dessa forma é fundamental evidenciar que o espaço não é neutro (Santos, 1993).

Sendo assim também é importante pontuar que as favelas são habitadas por pessoas pretas em sua maioria, que consequentemente eram a maioria também nas classes mais pobres, como aponta Campos, as pessoas negras foram e são até hoje as mais impedidas de viver e permanecer em uma parcela do solo urbano. A vista do estado os negros e pobres não se encaixam nos planos da cidade ideal. (CAMPOS 2005 p, 77)

Em certo trecho da música o autor lista o nome do Morro da Favela que vem a ser a primeira favela do Brasil hoje em dia chamada de Morro da Providência:

“É veja bem que nasceu também Sacopã, Catacumba e o Vidigal, Morro da
Favela por trás da Central, eu sou muito bem chegado nele não posso negar (...)”
(Bezerra da Silva)

A formação do Morro da Favela, atual Morro da Providência, teve início em 1897, com o retorno de ex-combatentes da Guerra de Canudos ao Rio de Janeiro. Sem o apoio esperado do governo, começaram a improvisar alojamentos na encosta do morro localizado nos arredores do Saco dos Alferes (CAMPOS 2005).

Ali, iniciaram o povoamento da “Favela” – uma referência ao arbusto *Cnidoscolus quercifolius*, muito comum no sertão baiano e que se proliferavam no morro de mesmo nome existente em Canudos.

A ocupação se expandiu entre o final do século XIX e o início do XX, com o início da reforma urbana Pereira Passos, no momento em que vários cortiços e habitações populares do centro foram destruídos e a população que ali vivia, transferida para os morros nos arredores do centro como exposto por Campos (2005, p. 61):

E nesse contexto que acontece o clímax da ideologia higienista, quando cortiço Cabeça de Porco foi posto abaixo. Entretanto, antes do fatídico fato (janeiro de 1893), os cortiços já vinham sofrendo a ação do Estado, pelo menos desde 1870, sendo que a sua presença no tecido urbano foi notada a partir de 1850. Como já visto, havia uma crise habitacional e a necessidade de a população mais pobre morar próximo da área central da cidade, onde as oportunidades de trabalho eram maiores. A destruição do Cabeça de Porco e de outros cortiços provocou um deslocamento desse segmento social em direção às encostas.

O nome favela estendeu-se a outros morros e as ocupações de colinas com barracos passaram a ser conhecidas como favelas. É importante apontarmos que todo esse processo expresso na música se configura como uma das tendências da urbanização brasileira.

O processo de gentrificação apoiado e impulsionado pelo estado é uma dessas tendências e podemos usar como exemplo a reestruturação do centro da cidade do Rio de Janeiro na reforma Pereira Passos, mas também a outra grande reestruturação do centro do RJ que foi feita nos anos anteriores de Copa do Mundo (2010) e Olimpíadas (2016), onde a cidade do Rio de Janeiro recebeu grandes investimentos e devido a isso, houve uma consequente mudança de paisagem de uma zona suburbana para uma área moderna, na qual os antigos habitantes não podem financiar. Dessa forma, empurrando os antigos moradores para as periferias das cidades, favelas e subúrbios e atraindo novos habitantes com uma renda elevada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar ensinar Geografia por meio de letras de música, principalmente o samba com sua sonoridade única dos batuques africanos e com as letras impactantes de Bezerra da Silva contribuem para interpretações e análises geográficas das contradições socioespaciais existentes nas favelas.

Como já vimos anteriormente, a favela e os espaços e territórios periféricos estão sujeitos aos interesses do capital. O Estado e as classes dominantes seguem com seus interesses entrelaçados e juntos definem os usos do solo urbano, excluindo grandes parcelas da população, isto é, as classes mais pobres. (CAMPOS 2005).

Trabalhar a letra “Aqueles Morros” e promover a discussão da origem e processo de construção das favelas cariocas potencializam os estudantes a perceberem que a construção do espaço urbano carioca foi realizada de maneira desigual e as marcas da paisagem estão presentes a partir da materialização das favelas.

Sendo assim, evidencia-se a importância do protagonismo desses povos vistos como subalternos, pois para uma mudança de perspectiva há necessidade de reformulação da cidade e da vida urbana. Todos têm direito à vida urbana de forma plena, o que não é garantido para as periferias que vivem cotidianamente com problemas como falta de luz, água, principalmente a convivência com o tráfico de drogas, além de limitações impostas pelo próprio Estado de forma estratégica.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. **O Estudo Geográfico da cidade no Brasil: Evolução e Avaliação. Contribuição à História do Pensamento Geográfico Brasileiro.** Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Geografia IBGE, 1996.

CAMPOS, Andreilino. **Do quilombo à favela: a produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CAVALCANTI, L. de S. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social.** (1a. ed). Goiânia, GO: C&A Alfa Comunicação, 2019.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano.** São Paulo: Editora Ática, 1989.

FERREIRA, Rafaela Tavares. **Geografia dá samba: o uso de composições de sambas como instrumentos de resistência no ambiente escolar** / Rafaela Tavares Ferreira. - Rio de Janeiro, 2021.

Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003. Acesso: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** 2. ed. São Paulo: EPU, 2013.

MAGALHÃES, João Carlos Ramos. **Histórico das favelas na cidade do Rio de Janeiro.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira.** São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

SILVA, M. G. C. F. (2019). **Algumas considerações sobre a reforma urbana Pereira Passos.** Revista Brasileira de Gestão Urbana, 11, e10180179. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.011.e20180179>

SILVA, R. S. A. **A importância da música nas aulas de Geografia: práticas e métodos diferenciados no uso da música como metodologia de ensino nas aulas de geografia,** 2015, 45f. Trabalho final de conclusão de curso (Graduação) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2015.

